

## A CIVILIZAÇÃO DAS OVELHAS

**Jan Duarte**

Talvez haja uma certa estranheza nesse título. Ele nos remete a alguma fábula, ou a algum conto maravilhoso que tenhamos ouvido quando crianças, e certamente isso não é casual. O que me proponho, na verdade, é correlato com esse tipo de literatura, uma vez que descreve, de alguma maneira, uma aventura, e que busca provocar uma reflexão a partir dos acontecimentos narrados. Com alguma propriedade eu poderia começar com a frase "era uma vez uma terra distante, onde os habitantes eram ovelhas...", mas, para manter a coerência com minha linha de pensamento e não buscar apenas a fabulação, devo dizer de início que a "terra" é exatamente esta onde vivemos e as "ovelhas" somos nós.

Afirmo, portanto - mesmo correndo o risco de incorrer na audácia de um iconoclasta - que a civilização ocidental é uma civilização de ovelhas: seres inermes que perderam sua condição de selvagens cabritos monteses pela suposta segurança de um rebanho e um pastor; que perderam os chifres da virilidade para tornarem-se fontes de lã e carne. Deixamos o desafio das pedrarias e montanhas pela tranquilidade dos pastos. Cabe tentar responder a pergunta: em que momento isso se deu?

Sempre houve entre os homens aquilo que Foucault denominou de "poder pastoral". Se o ser humano pode ser definido como *animal cultural*, ou seja, se a sua diferenciação das demais espécies do planeta reside no fato de ser capaz de produzir cultura, talvez essa capacidade produza uma certa acomodação. Vinculado aos laços da cultura, como produzido e produtor, ele não se contenta em integrar-se, mas em inserir-se, agasalhar-se nos braços da cultura para não precisar pensar o *eu*. Embora eu me aproxime, com essa consideração, de um conceito de *natureza humana*, que não desejo e repudio, eu diria que a praticidade do ser cultural o leva a agrupar-se ao rebanho. Diria ainda mais: que o rebanho precede o pastor, e que este só existe porque aquele estava, pelo menos, em vias de formação. E o pastor, nesse contexto, é aquele que, por pensar o seu *eu*, julga-se capaz de fazê-lo pelos demais.

Esse *eu*, em última análise, eu comparo à divindade. Nos mitos, aquilo que Adão recebe é o discernimento, a consciência de si, equiparando-se assim a Deus. Lúcifer dá aos homens a luz do conhecimento, bem como Prometeu. O *conhecer-se*, o *pensar-se*, é atributo de existência que permeia o pensamento desde tempos bastante remotos. Logo, estabelecer contato com o *eu* é estabelecer contato com a fonte - com a divindade. A partir do momento que o ser humano se sente incapaz de estabelecer diretamente esse contato, surge o pastor: ele é o intermediário, aquele através do qual o contato se estabelece.

O pastor, no entanto, mitifica o *eu*. Ele o chama de deus, ou de deuses, para transportar sua responsabilidade para outros ombros mais poderosos, embora fictícios. Atua na pretensão de guiar o rebanho para aquilo que lhe é melhor, por emanar da divindade. No entanto, apenas o guia para seus próprios interesses, cegas que estão as ovelhas para o seu próprio interior. A acomodação do rebanho o impede de ver isso, uma vez que seus olhos estão fixados em algo externo, que ele venera por não saber que é apenas um ícone, uma representação em pedra, barro ou madeira do *eu* do pastor.

Evidentemente, tal situação não produziria por si só uma civilização de ovelhas. Eu diria que o grande corte, a grande transformação, somente poderia se produzir se um contexto específico levasse uma grande variedade de rebanhos dispersos a se unificarem sob um único pastor. No caso da civilização ocidental, Roma foi, numa instância inicial, esse rebanho unificador. Mas Roma apenas não bastaria. Roma foi, durante todo o seu apogeu, aquilo que eu chamaria de *império pragmático*: um vasto organismo multifacetado, onde conviviam diversas tendências, orientado por uma regra que antecedia de muito certas correntes de pensamento atuais: "é verdade aquilo que serve". Na realidade, a decadência de Roma me parece um ponto de partida melhor para a civilização de ovelhas.

Digo isso porque na Roma dos últimos tempos, onde as bases que possibilitaram a formação desse organismo pluriforme estavam rotas graças a própria instituição do Império, uma nova instituição tomou forma e se fortaleceu. Ausentes a variedade do Senado e o poder pastoral do imperador, degradadas as instituições e valores ancestrais, um movimento de centralização se dá como resposta à crise. Este movimento titubeia, em princípio, entre vários rebanhos, mas acaba direcionando-se a um deles, que soube melhor captar a dissolução dos *eus* coletivos: o cristianismo. Oriundo, em última

essência, de um rebanho que acostumara-se desde há muito à proteção de um pastor divino - o judaísmo - , o cristianismo não chega a tomar Roma de assalto, mas fortalece-se o suficiente para sobreviver quando Roma desmorona.

Sobrevêm a Idade Média, e a Europa é uma colcha de retalhos onde diversos grupos de povos fundem-se aos antigos romanos. Nem estes nem aqueles possuem mais uma identidade própria: temos *bárbaros* que não são mais bárbaros, embora não cheguem a ser *cidadão romanos*, e temos antigos cidadãos que não chegam a ser bárbaros. São todos apátridas. Nessa situação de anomia, apenas uma coisa se mantém coesa: a Igreja Cristã. É sobre ela, então, que recai a tarefa de reconstituir uma unidade, e é sobre seus líderes, que possuíam o papel auto-atribuído de representantes da divindade, que recai o fardo do poder pastoral.

Eu diria, então, que foi a Idade Média, em especial depois da ascensão do reino franco de Carlos Magno sobre os demais e das doutrinas do *compele intrare*, ou seja, a partir do século IX, o grande marco temporal de transformação da sociedade ocidental. Talvez ao menos se possa falar em civilização ocidental antes disso, pois o cristianismo é a marca registrada dessa civilização, e a força que a transformou numa civilização de ovelhas.

Não se trata de imputar uma *culpa* à doutrina cristã. Não serei *nietzchiano* a esse ponto. É evidente que, ao retirar do ser humano o seu corpo e atribuir toda importância a uma alma suposta, ao transformar o tempo em algo linear que aponta para a salvação ou danação eternas dessa mesma alma, essa doutrina de compassividade e resignação propiciou as bases para a tosquia. No entanto, foi apenas a sutil integração entre Igreja e Estado, que já se desenhava em Roma e que se evidenciou no medievo, que possibilitou a formação de um rebanho.

No plano político, o rebanho se configura naquilo a que Foucault se refere como *razões de Estado*. Não vejo, no entanto, profunda distinção entre razões de Estado e poder pastoral. Vejo antes uma continuidade, ou uma consequência. A criação do Estado Moderno teve por embasamento a doutrina cristã, a idéia de um *bem-comum* que, embora apenas mais tarde expressa claramente, já estava presente. Mesmo nos tempos revolucionários que moldaram as atuais democracias, pensamentos inconciliáveis como "liberdade, igualdade e fraternidade" exprimiam nada além de um

ideário cristão que buscava refazer na terra um imaginário reino dos céus. Além disso, tanto o poder pastoral quanto a razão de Estado não hesita em executar a ovelha desgarrada, ao invés de simplesmente trazê-la de volta para o rebanho: talvez fosse interessante cotejar o número de vítimas da religião com o número de vítimas da política. Em ambos os casos, trata-se de tornar o maior número de pessoas possível em seres sem vontade, submetidos à alienação da maioria, dóceis e prontos para cederem sua lã e sua carne. O Estado o faz através da força, a Igreja através do terror psicológico.

Restaria, por fim, a pergunta: um processo que se desenvolve há, no mínimo, 1200 anos, seria reversível? Poderia a civilização ocidental deixar de ser uma civilização de ovelhas? Creio que nenhum tipo de resposta conclusiva poderia ser dada a essas perguntas, mas diria que uma meia-resposta pode ser tentada. Os bastiões sobre os quais se assenta a civilização ocidental, em especial o capitalismo e a hegemonia militar de determinadas nações, são fatores que, cada vez mais, são questionados. A escala de desigualdades que os valores do rebanho criou e fortaleceu ao longo dos séculos, é hoje quase impossível de ser galgada e transposta, o que gera revolta e instabilidade. Ora, toda instabilidade de uma estrutura tende a rompê-la e, assim, eu diria que a estrutura do grande e informe rebanho ocidental tende a ruir e a carregar de roldão seus pastores. No entanto, isso não seria uma *reversão*, isso seria uma *desconstrução*.

Desconstruir a civilização ocidental, fragmentá-la em partes que tivessem a consciência de seus *eus* individuais, não seria, no entanto, apenas fragmentar o problema? Essa pergunta eu deixo em aberto. Mas, de qualquer maneira, este seria um movimento de onde talvez emergissem alguns cabritos-monteses, que se ririam do pastor e de seus cães.